Alan Paiva

DROGAS, CRIMES E PRISÕES

Paulinas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paiva, Alan

Drogas, crimes e prisões / Alan Paiva. -- São Paulo : Paulinas, 2018.

ISBN 978-85-356-4489-0

1. Crimes - Aspectos sociais 2. Drogas - Abuso - Aspectos religiosos 3. Drogas - Abuso - Aspectos sociais 4. Drogas - Leis e legislação 5. Drogas - Prevenção - Problemas sociais 6. Políticas das drogas 7. Prisões - Problemas sociais I. Título.

18-22996 CDD-362.29

Índices para catálogo sistemático:

1. Drogas, crimes e prisões : Problemas sociais 362.29

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Direção-geral: *Flávia Reginatto*
Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonatto*
Antonio Francisco Lelo
Copidesque: *Ana Cecilia Mari*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Sandra Sinzato*
Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*
Capa e diagramação: *Tiago Filu*
Imagem capa: *@olegkrugllyak/depositphotos.com*

1ª edição – 2019

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
http://www.paulinas.com.br – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2019

"O grau de civilização de uma sociedade pode
ser medido entrando nas suas prisões."

Fiodor Dostoievski

"As causas de tanto desabamento nos corpos e
nas almas até de crianças são sociais.
Os remédios hão de ser sociais."

Roberto Lyra

"O universo da drogadição,
ainda que ilusoriamente envolto numa profunda
sensação de prazer, é um universo de dor.
O universo do castigo, simbolizado e
institucionalizado no sistema penal,
também o é."

Vera Regina Pereira de Andrade

Sumário

Prefácio 11
Introdução 17
A guerra perdida 25
Resgatando vidas 31
Drogas e criminalidade 37
Pobres, drogados e criminosos 43
A sociedade punitiva 51
As misérias da prisão 61
Um mundo sem prisões 69
O refugo humano 77
Defendendo os pobres 83
A justiça não é cega 89
A política de drogas 97
A redução da maioridade penal 107
Os direitos humanos 115
Prisões e massacres 121
Conclusão 129
Referências bibliográficas 139

Prefácio

Um dia, a humanidade se envergonhará
de não ter outro tratamento
para quem cometeu crime
a não ser trancafiar um filho de Deus
como se fosse uma hiena,
um tigre selvagem,
um leão raivoso.

Dom Helder Camara

A partir de três situações – drogas, crimes, prisões –, o autor deste livro, Alan Paiva, nos apresenta de maneira acessível uma reflexão profunda, crítica, profética e esperançosa sobre três fenômenos complexos de nossa realidade, que muitas vezes se cruzam, se complementam e se corroboram.

O comércio das drogas e a sociedade capitalista neoliberal

As drogas movimentam um enorme mercado. Estudiosos dizem que os três grandes mercados da sociedade

capitalista neoliberal são as armas, as drogas e a pornografia. De fato, o capitalismo vive da morte e, quando há uma "crise", fazem-se guerras para movimentar o comércio das armas e afins. Não estaria a chamada "guerra às drogas" nesta mesma lógica?

O vício das drogas (lícitas ou ilícitas) diminui a liberdade humana e, quando a escravidão das drogas se impõe, o ser humano é capaz até de roubar e matar para saciar o seu desejo insaciável... Organizações aproveitam-se dessa dependência para aumentar seu montante financeiro, sem preocupar-se com as vidas e as famílias que, muitas vezes, são abatidas por grandes sofrimentos e até com assassinatos. Essas organizações, no entanto, são atrativas porque oferecem a possibilidade de uma ascensão social na sociedade capitalista, materialista, consumista e excludente que o Estado não oferece. A ausência do Estado, enquanto garantidor de direitos, abre uma enorme brecha para o submundo do tráfico. Mas o caminho do tráfico, quase sempre, finaliza com o assassinato ou a prisão. E, assim, o sistema vive da morte...

O encarceramento em massa

O aumento do consumo/comercialização de drogas e da criminalidade tem levado a um fenômeno chamado "grande encarceramento" ou "encarceramento em massa". É assustador o número de prisões efetivadas diariamente no Brasil. O aprisionamento oferece à sociedade

a sensação de segurança, uma vez que o "criminoso está preso". Porém, paradoxalmente, quanto mais seres humanos presos, mais aumenta a sensação de insegurança... A *lógica* da consciência ingênua, então, é exigir mais presídios como se estes fossem de fato a melhor resposta.

Não sabemos quase nada sobre encarceramento nem sobre o que se quer com o mesmo. Quem realmente é preso? O que acontece dentro da prisão? Qual é o tratamento que os presos recebem? Que apoio é dado aos agentes penitenciários, a fim de desempenharem profissional e eticamente seu ofício? Que educação e recuperação os presídios oferecem? Será o encarceramento em massa a solução? Por que cresceu enormemente o aprisionamento das mulheres? A quem interessa o aprisionamento em massa? Até que ponto o criminoso também não é vítima? A Pastoral Carcerária, conhecedora de parte da realidade carcerária, entende que o cárcere não é sinônimo de segurança, paz e justiça. É, sim, um instrumento para manter a desigualdade social e violentar as pessoas e classes menos protegidas e marginalizadas.

Uma vocação cristã

Conheci Alan Paiva em 2016, na 62ª Feira do Livro de Porto Alegre, durante o lançamento de seu livro *Amor sem limites: a luta contra as drogas*. Na ocasião, eu estava lançando o livro *Francisco e Helder: sintonia espiritual*. Conversamos, trocamos ideias, nos conhecemos. Fiquei feliz

em saber que um advogado criminalista fez de sua profissão uma vocação cristã! Como assistente espiritual da Pastoral Carcerária, desejei a ele muitas bênçãos para que continue firme nesse modo de seguir Jesus Cristo. Nem imaginávamos que agora eu estaria fazendo o prefácio deste seu segundo livro, que visa contribuir para o debate que hoje se estabelece sobre drogas, crimes e prisões.

Este livro, além do conhecimento já produzido por intelectuais, impregna a experiência que o autor exerce junto às pessoas que buscam amparo na *Fazenda do Amor Misericordioso*. Nesse local, Alan relata que se encontrou com pessoas provenientes das camadas mais pobres da população, que querem libertar-se da escravidão das drogas e construir uma nova vida, e também com padres, religiosas e agentes de pastoral que assumem a missão de ser discípulos de Jesus Cristo nesta *periferia social e existencial*. Arrisco-me a dizer que ele encontra o próprio Cristo (Mt 25,31-46).

Alan nos expõe que ali é possível descobrir três elementos que as drogas, os crimes e o encarceramento em massa tiram dos filhos de Deus: a convivência comunitária, o trabalho como processo de construção de si mesmo e a espiritualidade cristã que desperta para novos valores, permitindo encontrar um sentido para a própria vida e uma outra orientação de vivência em sociedade. Busca-se superar o egoísmo com uma vida altruísta.

De fato, sem altruísmo não haverá liberdade, perdão, justiça, paz. Nesse sentido, quão profundas foram as

palavras do Papa Francisco, durante a homilia no Jubileu dos Encarcerados (06/11/2016):

> [...] suscitar em cada um de vós o desejo da verdadeira liberdade é uma tarefa a que a Igreja não pode renunciar. Às vezes, uma certa hipocrisia impele a ver em vós apenas pessoas que erraram, para quem a única estrada é o cárcere. Não se pensa na possibilidade de mudar de vida, há pouca confiança na reabilitação. Mas, assim, esquece-se que todos somos pecadores e, muitas vezes, também somos prisioneiros sem nos dar conta. Quando se permanece fechado nos próprios preconceitos, ou se é escravo dos ídolos dum falso bem-estar, quando nos movemos dentro de esquemas ideológicos ou se absolutizam leis de mercado que esmagam as pessoas, na realidade limitamo-nos a viver dentro das paredes estreitas da cela do individualismo e da autossuficiência, privados da verdade que gera a liberdade.

Outro horizonte social: economia para a vida

As três situações – drogas, crimes e prisões – afetam nossas relações porque temos pessoas próximas a nós – e nós mesmos – envolvidas. Somos afetados por elas ou por suas consequências. As soluções não são simples e rápidas, mas são possíveis. Para tanto, é necessário se desfazer das soluções fáceis da política convencional e fracassada, como a mera repressão ou a justiça vingativa que na verdade perpetua a desigualdade social, pois é um

engano social acreditar que a segurança e a ordem só são alcançadas prendendo as pessoas.

É necessário o envolvimento, a participação efetiva de vários setores da sociedade, o diálogo, o compromisso com os seres humanos envolvidos, a força de vontade, a crença na justiça restaurativa, a confiança no poder do perdão, a construção de uma nova política criminal... Na verdade, a solução requer uma reeducação de todos – e não apenas dos usuários de drogas, criminosos e encarcerados –, tendo em vista outro horizonte de sociedade, com nova perspectiva econômica, pois sabemos que uma economia que se firma e promove a desigualdade social não assegura o valor da vida: "esta economia mata".

Acredito que a leitura deste livro contribuirá para a ampliação da nossa consciência crítica, abrindo novos caminhos.

Boa leitura!

Pe. Ivanir Antonio Rampon

Doutor em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. É presbítero da Diocese de Passo Fundo (RS), professor de Teologia na Itepa Faculdades e assistente espiritual da Pastoral Carcerária.

Introdução

No ano de 2015, escrevi o livro *Amor sem limites: a luta contra as drogas*, que foi publicado por Paulinas Editora. Ele narra minha experiência como advogado criminal na defesa de dependentes químicos que buscam tratamento em uma instituição terapêutica ligada à ação social da diocese de Pinheiro, no Maranhão.

Logo após sua publicação em abril de 2016, decidi aprofundar e anotar algumas reflexões que foram ali brevemente expostas sobre drogas, crimes e prisões. Essas anotações resultaram no presente livro, que também é fruto da minha experiência profissional, bem como dos meus estudos sobre esses três temas tão atuais quanto relevantes.

Diante do crescimento do consumo de drogas (consequentemente do comércio ilícito), da criminalidade em todos os níveis e do grande número de prisões efetuadas no país, a ponto de se falar hoje em encarceramento em massa, essa discussão nunca se mostrou tão necessária. Por isso, resolvi escrever sobre o assunto, a fim de contribuir, de algum modo, para o debate que hoje se estabelece

sobre a violência que aumenta a cada dia, adquirindo proporções de tragédia.

No entanto, devo dizer que desde o início moveu-me o desejo de escrever algo que pudesse ser lido pelo leitor comum, embora acredite que este livro pode ser útil também para aqueles especialistas que trabalham com essas questões. Isso se justifica pelo fato de que, atualmente, esse grave problema atinge toda a sociedade e precisa ser conhecido e debatido de forma ampla.

A grande maioria dos livros que tratam desses assuntos destina-se aos estudantes e profissionais das diversas disciplinas, que os tomam como objeto de investigação (Direito, Sociologia, Psicologia etc.), e nem sempre é de fácil acesso àqueles que, não possuindo conhecimentos especializados, querem compreender a violência em seus diversos aspectos. Por isso, procurei aqui utilizar uma linguagem que melhor atenda a esse objetivo.

Como afirmou o sociólogo francês Henri Bergeron,

> O uso daquilo que se designa habitualmente como drogas (ópio, heroína, maconha etc.) se desenvolveu nas sociedades ocidentais no final do século XIX, difundindo-se de modo mais abrangente a partir dos anos 1960, nos Estados Unidos, em seguida na Europa e, hoje, em muitos outros países (2012, p. 7).

No Brasil, como em outros países da América Latina, essa prática assume proporções alarmantes a partir da década de 1990. No mesmo passo, verifica-se o aumento

da criminalidade nas grandes cidades, assim como os altos índices de encarceramento que colocaram o país na posição de terceira maior população carcerária do mundo. Tal fenômeno ficou conhecido, entre nós, como "o grande encarceramento".

Antes consumidas pelos indivíduos pertencentes às camadas mais privilegiadas e esclarecidas da sociedade, as drogas foram disseminadas entre as mais empobrecidas. A dependência química transformou-se, então, em verdadeira pandemia, numa sociedade que, por enquanto, não consegue ver saída possível para esse problema.

No imaginário popular, os três temas aqui abordados estão intimamente relacionados entre si. A mídia ajuda a reforçar essa relação com notícias diárias sobre crimes que teriam origem na guerra travada entre traficantes pelo controle do tráfico de drogas. As autoridades ligadas à área da segurança pública também justificam com esse argumento o aumento da criminalidade nos grandes centros urbanos e sua incapacidade de combatê-lo.

Diante disso, ninguém pode dizer, em sã consciência, que não tem nada a ver com isso. A droga e a violência atingem hoje todas as classes sociais e ninguém está imune às suas consequências. Mesmo que a pessoa não esteja vivendo o problema da drogadição, que tem causado dor e desespero em tantas famílias, ela pode ser vítima da violência que está diretamente relacionada ao consumo de drogas lícitas ou ilícitas.

Do mesmo modo, a prisão é um assunto que precisa ser debatido por toda a sociedade, porque também tem a

ver com a violência que acontece nas ruas. Se pensarmos que ela é comandada do interior das nossas prisões superlotadas que não recuperam ninguém, muito menos diminuem a criminalidade, veremos que não podemos ficar alheios a essa discussão, que deve estar na ordem do dia.

Ninguém ignora o fato de que as camadas mais baixas da população constituem a clientela do sistema penal – que atua de modo repressivo, seletivo e estigmatizante –, visto que a elas pertencem os indivíduos que habitam os presídios e as delegacias de polícia. Essa constatação confirma o ditado popular segundo o qual, no nosso país, rico não vai para a cadeia, sendo que alguns casos emblemáticos constituem meras exceções.

Por esse motivo, saber se a prisão, que muitos afirmam estar falida há muito tempo, cumpre os objetivos declarados (prevenção do delito e ressocialização do delinquente) que legitimam seu funcionamento ou se, pelo contrário, ajuda no incremento da violência, é fundamental para compreendermos o papel que essa instituição desempenha na sociedade e tomarmos uma posição. Afinal de contas, nestes tempos difíceis em que vivemos, não podemos mais alimentar quaisquer ilusões quanto ao sistema prisional.

Nesse contexto, o trabalho realizado pela Igreja Católica, nas fazendas de tratamento de dependentes químicos existentes em diversos lugares do país, mostra-se imprescindível, uma vez que, ao atender pessoas pobres que não têm condições de pagar uma clínica particular, vem contribuindo para a diminuição da violência nas regiões

onde estão implantadas, resgatando vidas que em algum momento se perderam no mundo das drogas e do crime.

Portanto, é fácil perceber que drogas, crimes e prisões estão profundamente associados, e quem quiser compreender as raízes da violência que nos aflige hoje em dia terá que abordar esses assuntos em sua relação intrínseca. Neste livro, procuro dar minha contribuição a essa discussão que deve envolver todos os setores da sociedade.

Os outros temas aqui tratados também guardam relação com essa problemática social. A política de drogas adotada no Brasil, que tem na repressão seu principal aspecto, vem sofrendo críticas que merecem ser levadas em consideração, se quisermos construir uma política criminal comprometida com a vida e a cidadania do nosso povo. O massacre de jovens pobres e negros pela polícia decorre desse modelo fracassado em sua forma de enfrentar o problema das drogas.

A sociedade punitiva, que cede espaço para a existência de um autêntico Estado Penal, é uma discussão imprescindível. Em nome da segurança pública, relativizam-se direitos e garantias fundamentais, como a ampla defesa e a presunção de inocência. Acredita-se que o Direito Penal, através da criminalização de novas condutas e do aumento de penas para crimes já existentes, irá combater a crescente criminalidade. A lei dos crimes hediondos está aí para mostrar que o agravamento das penas não reduziu esse tipo de crime.

Não é difícil constatar que o punitivismo tem-nos impedido de enxergar as soluções mais adequadas para as questões relativas à segurança pública. Para falar a verdade, presenciamos uma espécie de gozo coletivo toda vez que a mídia noticia espetacularmente a prisão de alguém acusado de corrupção. Do mesmo modo, pessoas estão sendo linchadas em praça pública sob os aplausos da multidão.

A redução da maioridade penal, sempre proposta pelos políticos conservadores como remédio miraculoso contra a criminalidade, tem como objetivo penalizar a pobreza e segregar seu elemento mais vulnerável – a juventude alijada dos benefícios sociais e dos bens de consumo. Além de não resolver o problema da violência, tal medida tende a incrementá-lo, uma vez que colaborará com a superlotação das prisões com todas as suas consequências.

Parece inacreditável que, em pleno século XXI, ainda alimentemos a crença de que essa instituição representa a solução para os problemas sociais. A sociedade punitiva transformou a prisão numa autêntica questão de fé. Dever-nos-iam servir de advertência as sábias palavras do Papa Francisco ao visitar, em 2016, a prisão de Ciudad Juárez, no México: "É um engano social acreditar que a segurança e a ordem só são alcançadas prendendo as pessoas".

É hora de refletirmos se esse punitivismo que domina a sociedade, mantendo-nos num estado permanente de cegueira, nada mais é que puro desejo de vingança travestido de anseio por justiça. Afinal, o que é a prisão, com

sua carga de violência e morte, senão a institucionalização do sentimento de vingança que trazemos nos corações?

Alberto Zacharias Toron, advogado criminal paulista, afirmou que, "se há algum lugar na face da terra que possa ser chamado de inferno, este é a prisão" (SZAFIR, 2010, p. 7). Entretanto, só desejamos uma temporada nesse inferno para os outros, para aqueles que não conhecemos, não para as pessoas que amamos. Para estas, reservamos sempre nossa compreensão e nosso perdão, esperando que essa atitude facilite sua entrada no paraíso.

Como se pode ver, os temas tratados nas páginas seguintes são de grande relevância e não podem ficar restritos aos especialistas e às universidades, pois afetam a vida de todos os cidadãos brasileiros. Por essa razão, precisamos ter alguma noção com respeito a eles, para melhor refletir e agir diante dos problemas que nos afligem. Só assim será possível encontrar soluções para a violência que toma conta das nossas cidades.

Espero que as reflexões contidas neste livro possam despertar o pensamento crítico do leitor e ajudá-lo a tomar consciência da nossa complexa realidade. Escrevi-o porque acredito, como o escritor uruguaio Eduardo Galeano, que todos nós "temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada".